

## Uma esquerda marxista fora do lugar: pensamento adstringido e a luta de classe e raça no Brasil / *A marxist left out of place: limited thinking and class struggle and race in Brazil*

MÁRCIO FARIAS<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendo neste ensaio apresentar alguns pontos para discussão sobre o impasse que assola a esquerda marxista tradicional brasileira, suas novas formas e a esquerda pós-moderna diante da questão racial. Para tanto, resgato o debate do marxismo como teoria social que não só pode como já nos legou um amplo cabedal teórico sobre o tema, inclusive entre os intelectuais de esquerda no Brasil. No segundo momento, retomo as teses da recepção do marxismo no país, para, por fim, discutir a base teórica da esquerda contemporânea e as dificuldades e desafios para o marxismo brasileiro. Como considerações finais, assinalo a necessidade de um acerto de contas da teoria social marxista com o Brasil, naquilo que se vem produzindo enquanto ciência nas mais variadas áreas de conhecimento e que colocam em questão premissas retomadas e defendidas. Assim, o problema não é de ordem epistemológica e sim de apreensão do dado objeto de análise.

**Palavras-chave:** marxismo; questão racial; luta de classes.

---

1 Psicólogo, doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP. Membro da Coordenação do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro Americanos (Neprafo). Professor Convidado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje).

**Abstract:** In this essay, I'd like to present some points in order to discuss the impasse that plagues Brazilian Marxist left, its new forms, and the postmodern left facing the racial issue. Firstly, I bring up Marxism as a social theory that not only can but has already provided us with an extensive theoretic legacy around the theme, even among the Brazilian's leftists intellectuals. Secondly, I get back to Marxism's reception thesis in this country, for to discuss the contemporary left's theoretic basis and the difficulties and challenges for the Brazilian Marxism. All things considered, it's important to point out the need of a "settling of scores" between Marxist social theory and Brazil when it comes to what has been produced as science in the most different knowledge areas that call into question assumptions taken up and defended. thus, it isn't an epistemological order problem but an apprehension of the given object of analysis.

**Keywords:** marxism; racial issues; class struggle.

### Intervenções cruzadas

Duas recentes intervenções públicas no cenário brasileiro de eminentes intelectuais do amplo campo da esquerda, ambos ligados ao marxismo, sintetizaram aquilo que talvez seja uma das principais celeumas da esquerda no Brasil, ao longo dos séculos XX e XXI: raça e classe! A primeira foi feita pelo cientista social brasileiro André Singer, no programa *Diálogos*, apresentado pelo jornalista Mário Sérgio Conti, da Globo News, em meados de novembro de 2016. O objetivo da entrevista era apresentar e discutir temas centrais no livro organizado por ele chamado *As contradições do Lulismo: a que pontos chegamos?* (2016). A bela análise perpetrada por aquele que é considerado o maior intelectual latino-americano contemporâneo por ninguém menos do que o renomado intelectual inglês Perry Anderson,<sup>2</sup> segue os trilhos de suas investidas analíticas consagradas no livro *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservado* (2012), como também artigos de análise do segundo governo petista e, na época, eventual impedimento de continuidade da gestão de Dilma Rousseff, fato consumado meses

---

2 *A crise no Brasil*: uma análise profunda de Perry Anderson. Disponível em: <<https://www.pambazuka.org/pt/democracy-governance/crise-no-brasil-uma-an%C3%A1lise-profunda-de-perry-anderson>>. Acesso em: 10/03/2017.

depois, tal como o impactante artigo “O lulismo nas cordas”.<sup>3</sup> Na ocasião da entrevista, quando perguntado pelo jornalista sobre a composição da base política do “lulismo” e as pautas de raça e gênero, o professor titular em ciência política da USP foi categórico em afirmar que, ainda que pese a importância das bandeiras levantadas pelo movimento negro e de gênero, essas questões não teriam a centralidade política no cenário nacional tal como as questões econômicas.

Por sua vez, a intervenção do filósofo italiano Antônio Negri, no início de 2017, apresenta uma dura crítica aos rumos da esquerda brasileira capitaneada pelo PT e seus erros táticos e estratégicos. Para Negri, a incompreensão da questão racial por grande parte da militância de esquerda no Brasil está muito bem sintetizada nos períodos de governos do PT:

Provavelmente aqui está o nó de um dos pontos centrais da crise do PT, sua perda de contato (ou de alguma forma da capacidade de endereçar-se) com o proletariado negro do sistema industrial em crise (se não, em dissolução) nas periferias das grandes metrópoles (nos estados de São Paulo e Minas Gerais, particularmente). É dentro da ex-classe operária (dividida agora entre nova classe média e multidões desempregadas e precarizadas) que se revela a crise mais pesada para a esquerda – lá onde ela era hegemônica. (NEGRI, 2017).

Neste debate, Singer e Negri apresentam reflexões que, em certa medida, nos permitem discutir a esquerda de orientação marxista no Brasil, seus fluxos e influxos, em especial sobre o tema das relações raciais. Isso porque Singer representa o que chamarei de “esquerda marxista tradicional”. Por outro lado, Negri pertence à ampla gama da “esquerda pós-moderna” heterogênea metodológica e politicamente. Diante desses pontos, destaco dois aspectos. De um lado, uma esquerda com o pensamento fora do lugar no Brasil. De outro lado, um marxismo internacional heterogêneo, mas que vem dando respostas ao tema das relações raciais.

---

3 *Piauí*, n. 111, dez./2015.

## Marxismo e a questão racial

Marx e o marxismo têm algo a contribuir para a compreensão do fenômeno e luta contra o racismo? Se essa pergunta for feita ao cientista social Carlos Moore, que viveu toda a sua infância e início de vida adulta em Cuba, a resposta será enfática: Não! Para ele, a base epistemológica do marxismo é racista e eurocêntrica. Sua tese sobre o marxismo e a questão racial é mais bem compreendida quando da leitura de seu texto *Racismo e sociedade* (2007). Livro ambíguo e frágil metodologicamente,<sup>4</sup> parte da tese do racismo como fenômeno ontológico na sociedade ocidental. Segundo Moore, desde a antiguidade, as sociedades que dão origem ao ocidente se relacionavam com o outro tendo como base uma ideia de diferença e desigualdade, contendo, portanto, um protorracismo já presente entre gregos e romanos quando da relação com os povos por eles entendidos como bárbaros. Assim, a escravidão daquele período já guarda resquícios culturais da moderna escravidão que submeteu milhões de seres humanos, sobretudo africanos, por séculos e que conformou a contemporânea desigualdade material, simbólica e de acesso ao poder entre brancos e não brancos. Em suma, o ocidente é, por berço, uma sociedade calcada no racismo.

Ora, seguindo o raciocínio de Moore, temos uma evidente contradição insuperável. De um lado, o marxismo é uma teoria europeia e racista. Segue a longa trajetória do pensamento ocidental em relação aos não europeus. Por outro, autores marxistas têm contribuições para entender problemas que ainda hoje atingem milhões de pessoas mundo afora por conta do racismo nas suas mais variadas expressões.

A tese de Moore contrária ao marxismo não é original. A tentativa de explicar o racismo de maneira tão relativista, sim. Naquilo que é uma afirmação antiga, desde o final do século XIX e início do XX

---

4 Amplamente apoiada na sociologia compreensiva de Max Weber, faz um paralelo à compreensão de capitalismo como variante cultural pré-existente em várias sociedades humanas. Assim, existiria um protorracismo em sociedade que antecederia a modernidade eurocêntrica. As contradições se apresentam no fato de se apoiar amplamente em autores marxistas em vários momentos ao longo do livro para tentar justificar sua tese, ainda que rechace qualquer possibilidade do marxismo enquanto orientação teórica para compreensão do racismo.

ainda nos ínterims do debate pan-africanista, a crítica ao marxismo é uma tônica. Sem poder me ater de maneira mais circunscrita ao tema por limitações de espaço e por existir uma literatura consistente sobre o tema do marxismo e das relações raciais,<sup>5</sup> quero apenas reafirmar a base teórica do marxismo como uma expressão do contraponto ao pensamento conservador de base racista pautada na ideia tanto biológica quanto cultural de raça. Marx consagrou uma teoria social que parte do ser social enquanto ente fundante e caracterizado como ser pela ação consciente em relação à transformação da natureza que, ao ser alterada, também alterava as condições deste ser social. Em linhas gerais, o ser é socialmente constituído e se estabelece por meio do trabalho. E esta ação desencadeadora da humanidade não ocorreu apenas em povos que dão origem aos povos europeus. Parece óbvia e quase tautológica esta afirmação, mas a faço como exercício de argumentação no sentido de fixar a ideia de que não existiam raças para Marx, mas sim povos com níveis diferentes de desenvolvimento das

---

5 Sobre Marxismo e a questão racial existe uma infinidade de textos, artigos e outros matérias contemporâneos que afirmam o marxismo como uma possibilidade teórica para compreender e enfrentar o racismo. Seguem apenas algumas sugestões: 1) No segundo semestre de 2016 a revista *Margem Esquerda* (n. 27), da Editora Boitempo contou que um *Dossiê marxismo e a questão racial*; 2) A *Lutas Sociais* do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (Neils) ligada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP lançou uma edição especial sobre o tema no v. 19, n. 34 (2015) chamado *Marxismo e questão racial*. 3) *Panafricanismo e comunismo: conversa com Hakim Adi*. **Entrevista realizada por Selim Nadi. Disponível em:** <[http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/panafricanismo-e-comunismo-conversa-com-hakim-di?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+buala-pt+%28BUALA%29](http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/panafricanismo-e-comunismo-conversa-com-hakim-di?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+buala-pt+%28BUALA%29)>. 4) **Anderson, Kebin B. Marx e as margens: nacionalismo, etnicidade e sociedades não ocidentais.** 5) **Robinson, Cedric.** *Marxismo negro: a construção da tradição negra radical.*

Em relação ao debate proposto por Carlos Moore, existem bons materiais de contestação aos seus argumentos. Sugiro aqui apenas alguns: 1) Santos, Rosenverck Estrela. *O marxismo e a questão racial: reflexões anticapitalistas sobre a obra de Carlos Moore*. Disponível em: <<http://blog.esquerdaonline.com/?p=2655>>. Acesso em: 15/03/2017; 2) Nkosi, Deivison. *Pan-africanismo, marxismo e as encruzilhadas nossas de cada dia*. Disponível em: <<http://kilombagem.org/pan-africanismo-marxismo-e-as-encruzilhadas-nossas-de-cada-dia/>>. Acesso em: 15/03/2017. 3) *Marxismo e a questão racial*. Makaveli, Jones. In: MAKAVELI TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oesjm-ABsR8>>. Acesso em: 16/03/2017.

forças produtivas e suas correspondentes relações sociais de produção. Da mesma maneira, em sentido oposto, é possível sim afirmar um eurocentrismo na obra de Marx, o que o coloca em posições muitas vezes ambíguas sobre a compreensão do desenvolvimento histórico social de povos não europeus. É preciso ressaltar que, em Marx, há um objeto específico de estudos, a saber, o capital, com um método de estudos e de exposição do conteúdo averiguado.

Estas questões nos possibilitam avançar na reflexão, estabelecendo uma diferença entre a esfera da análise e produção teórica, bem como a diferença com a lógica política diante dessa análise. Em outras palavras, entre aquilo que aprendemos teoricamente e a partir disso quais caminhos trilhamos para alcançar nossos objetivos existem certas determinações que não são causais. Desde a metade do século XX, já se sabe que não existem raças humanas do ponto de vista biológico. Nem por isso a ideia de raça e racismo estão superadas. Diante disso, quais serão as estratégias e táticas para lutar contra esse fenômeno que causa tanta desigualdade?

A questão se complica no cenário internacional diante de um conjunto de situações vivenciadas por homens e mulheres negras que foram vítimas de racismo em organizações de orientação marxista. Um dos casos mais emblemáticos foi quando o escritor estadunidense Richard Whight relatou em sua autobiografia uma situação que viveu nos E.U.A, logo após deixar as fileiras do partido comunista daquele país. Essa situação foi amplamente discutida por intelectuais negros que, se não rechaçam, não tem acordo tácito com o marxismo. O escritor Paul Gilroy faz menção a essa situação para pensar os limites políticos e mesmo analíticos do marxismo como aparato teórico sobre relações raciais e cultura na modernidade. No Brasil, Abdias do Nascimento também menciona a situação vivida por Whight para comparar algumas experiências suas com a esquerda brasileira e apontar os limites das agrupações políticas da esquerda marxista. O próprio Carlos Moore também teve vários problemas com a esquerda marxista internacional. De Cuba aos EUA, da África à França, suas experiências com a esquerda marxista foi decepcionante.

Ora, por outro lado, ao longo do século XX, homens e mulheres negras tiveram experiências políticas exitosas e/ou fizeram uso da

teoria marxista como instrumento da análise da questão racial. De Ângela Davis a Clóvis Moura, passando por Amílcar Cabral e Walter Rodney, os exemplos são muitos e seus legados são pertinentes para a continuidade da nossa questão contraditória ainda não resolvida.

### **Marxismo, raça e classe no Brasil**

A chegada do marxismo no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, foi uma tragédia do ponto de vista teórico e político! Esta frase é uma caricatura da famosa tese de Leandro Konder defendida no livro *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até os anos 1930*. Em linhas gerais, para Konder o marxismo por aqui foi um *nat morto*. Já nasceu degenerado sob a égide da vulgata stalinista que contaminou e predominou no esquematismo analítico da esquerda brasileira até 1960.

A “esquerda tradicional marxista” tem sua origem neste setor de apreensão degenerada da realidade nacional, que compreendia Brasil conforme as cartilhas do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Assim, o esquema Brasil feudal, desenvolvimento do capitalismo com aliança entre proletários e burguesia nacional, e raça como desvio burguês que divide a classe, eram as premissas que salvaguardavam a interpretação de Brasil dos marxistas dessa época. No campo interpretativo, as teses modernistas da década de 1930, ainda que de matrizes diferentes, são absorvidas gradualmente pela esquerda marxista brasileira. Todas, com diferentes ênfases, partem da ideia das “três raças tristes” que se encontram no vale encantado brasileiro e dão as mãos para construir esse país e formar um povo. Ou seja, o desdobraimento disso que se aventou, o mito da democracia racial, é um elo simbólico nesse Brasil a ser construído.

Como em todo o mundo, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956) com a divulgação dos crimes de Stalin sacudiu as bases do marxismo brasileiro. Tanto no campo teórico como no político, novas abordagens e experiências tornaram mais complexo o marxismo brasileiro. Em meados da década de 1960, houve uma verdadeira “renovação conservadora” na agenda marxista no Brasil. Há uma ampliação do seu escopo analítico, incorporando autores e cate-

gorias do marxismo ocidental<sup>6</sup> em oposição à vulgata stalinista. Temos também a ampliação das Ciências Sociais na América Latina, a inserção de novas carreiras universitárias, uma tímida expansão das universidades etc. As teses desenvolvimentistas, os estudos mais sistemáticos, as análises estruturais e a consagração da teoria da dependência de esquerda e de direita se conformam. Mas, mesmo nesse afã do avanço, o marxismo brasileiro reafirma a tradição daquilo que pretende criticar. Não conseguem dar o tão esperado salto qualitativo, para uma apreensão crítica de Brasil. Nesse ponto, a seguinte afirmativa de Darcy Ribeiro (1979) é certa:

[...] A maior parte dos cientistas sociais brasileiros são uns “cavalos de santos”[...] Cavalo de Santo do Foucault, Cavalo de Santo do Levi Strauss [...] pela boca deles o Levi Strauss está falando a todo o tempo, não olham para o Brasil. O que importa para eles é citar o Poulantzas ou dizer o que Poulantzas pensaria. Ou ler o 18 de Brumário do Marx e a partir dele fazer discursos acadêmicos, às vezes muito inteligentes, muito preciosos, mas são incapazes de olhar a realidade brasileira [...].<sup>7</sup>

---

6 Trabalho com a ideia desenvolvida por Perry Anderson no livro *Considerações sobre o marxismo ocidental* em relação aos rumos do marxismo europeu no decorrer do século XX. Em linhas muito gerais, o marxismo ocidental se caracteriza por uma guinada filosófica e acadêmica de seus expoentes como tentativa de revalidar o marxismo como teoria social contrapondo a vulgata stalinista. Dentre os vários caminhos seguidos pelos diferentes autores, existem aqueles que se orientaram por um retorno aos textos de Marx e Engels, impulsionados pela descobertas de clássicos até então inéditos, como, por exemplo, os *Manuscritos econômicos e filosóficos (1844/1930)*, mas também na busca de discernir aquilo que foi desvio degenerado do marxismo oficial e daquilo que era de fato apreensão e proposta analítica de Marx e Engels. Outros seguiram caminhos mais heterodoxos, na tentativa de conciliar outras perspectivas teóricas que complementariam lacunas existentes na base marxista. Outros seguiram caminhos de negação e rechaço ao marxismo e orientaram-se por novas perspectivas. Ainda que muito diverso, em geral, “o marxismo ocidental” esteve distante dos grupos políticos e tradicionais ligados à classe trabalhadora.

7 Entrevista concedida por Darcy Ribeiro no programa Abertura (11/03/1979) da extinta Rede Tupi. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7QI-qGn9UT30>>. Acesso em: 14/03/2017,

Darcy Ribeiro é bastante perspicaz nessa crítica às ciências sociais brasileira do período supracitado. Mas, ainda assim, não compreende algo que está no campo psicossocial. Ou seja, tem determinações objetivas e subjetivas que precisam ser mais bem compreendidas. Refiro-me ao fato de que houve sim avanços em estudos, muito deles de base marxista, sobre o tema das relações raciais como algo que é elementar para se entender o Brasil contemporâneo, tanto na economia como na política, na sociedade, nas artes e na cultura. Os estudos sobre relações raciais avançam. Aqui me atenho aos casos de estudos marxistas, como os de Florestan Fernandes após a escrita do *Revolução burguesa no Brasil* (1975),<sup>8</sup> Octavio Ianni, Clóvis Moura, entre outros. O problema é que

- 
- 8 Ainda na década de 1950, Florestan liderou junto com Roger Bastides o grupo de pesquisas da Unesco no Brasil sobre relações raciais. Desse período foram publicados o relatório “Negros e brancos em São Paulo” e o livro *O negro no mundo dos brancos*. No início da década de 1960, defendeu sua tese de livre docência: *A integração do negro na sociedade de classes*. As obras supracitadas se situam diante de um momento da trajetória intelectual de Florestan marcada pela heterogeneidade metodológica. Do ponto de vista histórico, elas antecedem o golpe militar de 1964 e o posterior exílio de Florestan. Estes aspectos se apresentam como elementos de uma inflexão posterior na obra entendida como de maturidade, iniciada na década de 1970 com o lançamento de *Revolução burguesa no Brasil*. Posterior a essa obra Florestan escreve um conjunto de ensaios coligidos no livro *Círculo Fechado*. Nesse conjunto de textos que formam a obra, dois artigos se dedicam ao tema das relações raciais, sendo o primeiro em relação à sociedade escravista e o segundo sobre relações raciais no Brasil contemporâneo, em que discute os impactos de suas produções ulteriores, respondendo aos críticos os pontos de convergências e divergências em relação ao conteúdo dos debates de então. No encaixe do debate sobre relações raciais, no final da década de 1970 e início da década de 1980 Fernandes prefacia algumas obras coletivas de escritores negros no campo da literatura, como também o importante livro *Genocídio do negro brasileiro* escrito por Abdias do Nascimento. Fechando um ciclo, no final da década 1980 é feita a reunião de um conjunto variado de textos e publicado o livro *O protesto negro* (1988). Levando-se em conta que, nesse período, Florestan concilia sua atividade intelectual com a atuação legislativa como deputado federal, função que exerceu até 1994, um ano antes da sua morte. Faço esse panorama com o intuito de criticar a cisão existente sobre a leitura da obra de Florestan. Os pesquisadores ligados ao tema das relações raciais no Brasil o criticam duramente, ainda que se atenham em geral ao livro *Integração do negro na sociedade de classes*. Os estudiosos do assim chamado pensamento social brasileiro se preocupam com o Florestan maduro iniciado em *Revolução burguesa no Brasil*, momento este em que o autor se situa de maneira mais nítida no campo marxista. Esse corte impede que se compreenda os caminhos que levam Florestan à sua maturidade, ao mesmo tempo se limitam ao momento inicial da sua produção. Em síntese,

esses autores consagrados não são estudados com o devido rigor pela analítica marxista brasileira em seus estudos sobre raça e classe no Brasil, embora muito citados.

Especificamente em Clóvis Moura temos uma das mais perspicazes análises sobre a formação do Brasil. Foi com ele que as já inovadoras análises sobre o Brasil Colônia, feitas por Caio Prado Junior, ganharam densidade, quando da compreensão do empreendimento colonial ligado à estrutura da formação capitalista, o que impossibilitou qualquer tipo de acumulação de capital, ao mesmo tempo – e é nesse ponto a principal contribuição de Moura – existiu uma dinâmica interna de contradições de classes entre escravizados predominantemente revoltados e senhores déspotas nessa correlação de forças. Assim, a transição para o Brasil Moderno não é mero jogo de estruturas externas, para Clóvis Moura. O fim da colônia, a transição para o império e depois para a república, são marcas da longa marcha para a modernização que a luta de classes pesou, inclusive na substituição da força de trabalho de africanos escravizados e seus descendentes quando da transição para o trabalho livre assalariado. Não por acaso, a ideologia racista é sistematizada em forma de pseudociências no século XIX, século síntese da modernização conservadora brasileira, perpetrando aquilo que é a maior contradição da formação do capitalismo no Brasil: “Negro, de bom escravo a mau cidadão”. A imigrantada que veio ser força de trabalho, o fez como se faz nessa condição sob a égide do capital, ou seja, foi explorada. *Pari passu*, os antigos exímios trabalhadores escravizados, agora metamorfoseados em classe à margem do processo produtivo, veem sua única inserção como trabalhador, num primeiro momento, enquanto trabalhadores dos serviços domésticos – mulheres negras –, ao passo que o homem negro não foi inserido na sociedade de classes. Décadas e gerações depois, elaborada e levada a cabo a revolução burguesa com industrialização e urbanização caótica e desorde-

---

ambos os setores “puxam a sardinha” para o seu lado, de forma arbitrária, tanto que Florestan nunca abandonou o tema das relações raciais, ainda que pese a compreensão das determinações estruturais para a formação do Brasil. Em suma, os estudiosos sobre relações raciais, muitas vezes críticos ao marxismo, leem o Florestan não marxista sobre relações raciais. A produção posterior é, em geral, desconsiderada. Os intelectuais marxistas leem Florestan da *Revolução burguesa* em diante. Mas desconsideram justamente o Florestan maduro discutindo relações raciais. Mais uma expressão da miséria intelectual brasileira.

nada, os descendentes dos imigrantes, que aqui chegaram no fim do século XIX e início do XX, já estão mais bem acomodados como trabalhadores, algumas vezes como burgueses. Só em meados da década de 1960 que a população negra se insere massivamente como força de trabalho no contexto urbano e industrial nas regiões Sul e Sudeste do país.

Aqui reside a segunda maior contradição da formação social brasileira. Esse marxismo, que se pretendeu renovado, é justamente levado a cabo pelos descendentes dos imigrantes, outrora precarizados, mas que poucas gerações depois já estavam nas fileiras das classes média e burguesa brasileiras. Antes que o leitor mais rigoroso já me acuse de insinuar que a origem de classe determina a consciência, estou indo em um caminho diferente. Quero propor como hipótese de que a forma como se deu o processo de formação do Brasil, atrelado ao tipo de ideologia hegemônica fundadora da modernidade capitalista por aqui, somado ao desenvolvimento da classe trabalhadora brasileira, foram elementos não efetivamente compreendidos pela analítica marxista renovada que inscreveu a verdadeira derrota da dialética, quando tinha todas as condições de superá-la. Em outras palavras, os herdeiros dos imigrantes, mesmo quando absorveram novas vertentes marxistas, o fizeram de forma mecânica e economicista, não apreendendo a principal contradição do capitalismo brasileiro: o racismo. E o fizeram, justamente por se espelhar no trabalhador e intelectual europeu que não vivia naquele momento, de maneira mais efetiva, as contradições de raça e classe nos países europeus, algo que ocorrerá nas décadas seguintes, com a imigração de africanos e árabes, e que, surpreendentemente, foi amplamente absorvida pela analítica marxista contemporânea como um fenômeno a ser entendido na Europa.<sup>9</sup> Quero novamente dizer que estou propondo que os marxistas renomados no Brasil reproduzem a miséria brasileira e não superam a modernização conservadora tipicamente brasileira no plano teórico. Assim, se voltaram novamente às determinações genéricas, categorias universalizantes que não dão conta do Brasil. E mesmo quando isso ocorreu foi negligenciado, e daí minha afirmativa de que existam determinações suje-

---

9 Pietro Basso e Domenico Losurdo são dois bons exemplos de autores orientados pelo marxismo que, ao analisarem a Europa contemporânea, fazem uso das categorias raça e racismo para compreenderem a luta de classes.

tivas nesse encaixo. Os estudos contemporâneos sobre branquitude podem ser ferramentas úteis para entender a miopia dos marxistas brasileiros sobre o Brasil. O marxismo está derrotado. Morreu? Se sim, viva o marxismo! Tá, e a raça? Por quê?

### **Estudos sobre relações raciais no Brasil: marxismo e pós-modernidade**

Aquilo que se tornou depois Brasil foi a maior sociedade escravista da história da humanidade. Em relação ao escravismo moderno, dos seres humanos que foram retirados à força do seu lugar de pertencimento durante todo o período do tráfico atlântico, 40% foram trazidos ao território brasileiro. Atualmente, mais de 50% da nossa população se autodeclara preta e parda, segundo o último Censo realizado pelo IBGE.<sup>10</sup> Quando observamos as condições de desigualdade no Brasil em qualquer esfera social, pretos e pardos estão na mesma condição de vulnerabilidade. Assim, afirmamos que, em relação à pobreza, tanto faz ser preto ou pardo. Por isso, juntamos esses dados e afirmamos negros como categoria de análise demográfica e de desigualdade. Até porque, grande parte desses mestiços são frutos de relações mistas entre brancos e negros, mas que aparentam mais sua feição negra do que branca. Assim, o mito do branqueamento conhecido como “Redenção de Cam” é uma lenda encantada e faz do racismo brasileiro um crime perfeito!<sup>11</sup>

Quando observamos especificamente as condições de trabalho, percebemos que a classe trabalhadora mais pauperizada no Brasil é

---

10 O Censo 2010 detectou mudanças na composição da cor ou raça declarada no Brasil. Na época, afirmaram ser brancos 47,7%, 7,6% pretos e pardos 43,1%. Sendo assim, a população preta e parda passou a ser considerada maioria no Brasil (50,7%).

11 Nas últimas décadas a inserção do quesito cor como variável nas pesquisas sobre desigualdade demonstrou a grande diferença entre brancos, negros e indígenas nos mais variados setores sociais. Abundam pesquisas que apontam a desigualdade material e simbólica marcadamente racial no Brasil. Apenas como exemplo, os recentes estudos do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) *A inserção produtiva dos negros nos mercados de trabalho metropolitanos* (2016) e do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) *Nota Técnica Mulheres e Trabalho: breve análise do período 2004-2014* (2017) confirmam essas afirmações.

negra. E, depois dos estudos de Carlos Hasenbalg, Nelson do Valle e Lélia Gonzáles, é impossível afirmar que essa situação deriva meramente da escravidão e que o preconceito de cor é um estigma cuja movimentação social e econômica conseguiria diluir. Não, a escravidão explica até certo ponto a condição a que a população negra está submetida no Brasil atual. O outro tanto deve-se em conta ao racismo como ideologia de dominação e exploração. Racismo gera mais valor! E gera mais valor não no ato em si. Na atividade, estamos na esfera do ser genérico, universal. A martelada do trabalhador negro não difere em essência da do trabalhador branco. Da mesma forma que o “alô!” da atendente de telemarketing negra não é diferente de sua companheira de labuta branca. Mas, conforma o antes e o depois, a condição salarial e de reivindicações, escamoteia precarizações e as legitima. No limite, a tal superexploração da classe trabalhadora latino-americana tão discutida pela teoria da dependência só é possível tendo o racismo como seu principal alicerce. É ele que conforma material e subjetivamente esse trabalhador pauperizado.

Dito isso, e os estudos sobre esta questão? São inúmeros! Tantos que, em 2006, o professor Kabenguele Mananga coordenou a organização de um livro de referências bibliográficas sobre relações raciais nos seus mais variados aspectos. São quase 600 páginas! A miopia da esquerda brasileira sobre o tema só abriu espaço para o crescimento de abordagens ligadas ao amplo pensamento conhecido como pós-moderno, cuja caracterização é difícil, uma vez que não se trata de uma escola, mas sim de um “espírito do tempo” contemporâneo. Ainda assim, pode ser identificado como intensificação do irracionalismo do pensamento burguês europeu pós-segunda Guerra Mundial, amparada naquilo que ficou conhecido como virada linguística, momento este em que prevaleceu uma orientação para as ciências humanas de forma geral na apreensão dos signos, significados, sentidos, representação etc. Esses escritos partiam do rechaço ou da negligência ao trabalho, economia política e da totalidade como fenômenos e categorias de análise. Ao invés das relações sociais de produção, entraram as relações de poder; no lugar do trabalhador veio o oprimido e suas derivações. Em suma, o mundo virou um teatro onde os atores sociais devem ser protagonistas e representarem suas agruras e resistirem ao invés de revolucionarem as relações de produção e, conseqüentemente, o modo de produzir a vida. O fato é que, esse deslocamento produziu uma

efervescência teórica dos chamados epistemólogos do sul. Nesse caldo, muita confusão.

Tem marxista que dialoga com várias correntes teóricas para “completar” seus estudos. Tem autores de linhas teóricas que reconhecem o marxismo, ainda que ele precise ser questionado em alguns pontos. Para além dessas anomalias, desse debate todo, quero ressaltar neste momento é que, tais estudos estão distantes daquilo que podemos chamar de marxismo ortodoxo.<sup>12</sup> Mais uma contradição se apresenta então: a saída pós-moderna é o caminho para a emancipação do povo negro? Não! O povo negro, como setor predominante da classe trabalhadora está submetido às condições mais precarizadas. Com a ascensão do conservadorismo neoliberal, será quem pagará ainda mais o pato!

Creio ser pertinente recuperar o famoso ensaio “As ideias fora do lugar”, do crítico literário Roberto Schwarz, sobre a inserção mecânica e colonizada de saberes advindos da Europa que, por aqui, foram introduzidos por intelectuais brasileiros durante o século XIX. No que diz respeito à raça, as ideias não estavam em tanto descompasso, o Brasil importou e aperfeiçoou a eugenia. A esquerda no Brasil, durante todo o século XX, não só esteve fora do seu lugar de origem, como conformou um pensamento adstringido. Limitação de origem e de proposta. Não lê Brasil. Reivindica pensamentos ultrapassados pelo próprio desenvolvimento da ciência social, como no caso da história da escravidão, reconhecida internacionalmente e simplesmente desconhecida da analítica marxiana brasileira. A ortodoxia marxista por aqui é, na verdade, o dogma da fé em seus santos.

Já que não consegue revelar o milagre brasileiro, a analítica marxista segue reiterando o caminho da intelectualidade brasileira conservadora e liberal: importa leituras e temas, mas a frase supera o conteúdo! Por outro lado, a esquerda pós-moderna escreve errado por linhas tortas. Propõe um léxico que subordina ao invés de emancipar. Desaprendeu o abc da revolução e agora só repete as palavras da ordem:

---

12 Em *História e consciência de classe* (1923), Lukacs também adentra no debate sobre teoria do conhecimento e marxismo. Para ele, o estatuto teórico da obra de Marx, no que pese seus possíveis erros – muito por conta do avanço da ciência em seu período – sobressai-se por aquilo que é seu principal legado, o método.

viver, resistir, empoderar-se. Assim, a esquerda tradicional e a esquerda pós-moderna são incompetentes naquilo a que se propõem, e consagram, ambas, um pensamento limitado, adstringido. Uma está fora do lugar, a outra promove apenas uma revolução formal, mas não alcança o conteúdo reprimido da revolução brasileira. Ora, o racismo é uma antinomia do capital, que foi e sempre será racializado. Agora, mundialmente. Não existe saída para a população negra no capital. Ou descermos aos nossos verdadeiros infernos e espantamos os fantasmas ou ao deitarmos em berço esplêndido estaremos mortos.

## Referências

DECRAENE, Philippe. **O pan-africanismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962

GONZALEZ, Lélia; HASEMBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982

GYLROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: 34, 2001.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo / Iuperj, 1992.

KONDER, Leandro. **O retorno da filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até os anos 1930**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKACS, Gyorgy. **El asalto a la razon: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1959.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e a escravidão**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pichon: minha vida e a revolução cubana**. Belo Horizonte, Nandyala, 2015.

MOURA, Clóvis. **Negro, de bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977

MUNANGA, Kabenguele (Org.). **Cem anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo.** Salvador: UFBA, 2002.

NEGRI, Antônio. **Impressões de uma visita ao Brasil:** Para onde vai o PT? Disponível em: <<http://rosaluxspba.org/antonio-negri-para-onde-vai-o-pt/>>. Acesso em: 11/03/2017.

SCHWARZ, Roberto (Org.). **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SINGER, André. **Programa Diálogos com Mario Sergio Conti.** As contradições do lulismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ujff-BqF-L74>>. Acesso em: 09/03/2017.